

Palavras insuspeitas

Com este título, publica o jornal oficial dos democratas socialistas do Porto um extenso artigo comentando favoravelmente aquele artigo do Mundo...

Sobre o citado artigo não queremos fazer largos comentários tanto mais que, referindo-nos ao artigo do Mundo, exprimimos concisa e claramente o que se nos afigurou ser necessário quanto às afirmações do Mundo...

Presentemente queremos constatar que aquele jornal achou tão justas, sensatas e verdadeiras as palavras contidas no artigo do Mundo que, lamentando que aquele jornal só agora assim falasse...

E aqui temos nós como o Partido socialista, só para assegurar os votos nas batalhas eleitorais não duvida em aceitar como boas razões as palavras venenosas dum jornal que tem sido, de entre todos os jornais burgueses...

O jornal social democrata não ignora o facto. Mas como lhe dá mel pelos beijos e como com as suas palavras auxilia o desenvolvimento do partido que representa...

No fundo, como notamos no n.º anterior, o Mundo, como de resto, todos os elementos burgueses mais astuciosos, desejando que o partido socialista engrosse e consiga mais elevado numero de deputados no parlamento futuro...

E isto porque estando o regime burguês em plena decadência; estando a ver-se que os Estados para se aguentarem no balanço não trepidam em lançar os povos, que falsamente representam, numa luta canibalesca...

Para as multidões, a medida da verdade é a necessidade. Se o homem abandona hoje o seu Deus ou os seus Deuses, só por esse facto prova que já lhe não são necessários. Pode viver sem eles.

Sorte dos Deuses foi o serem auxiliares dela. Deixaram de o ser. O seu culto é dispendioso: a prece é uma perda de tempo.

Os poetas, todavia, venerarão sempre os Deuses e lamentarão ainda por muito tempo que já não seja possível obedecer-lhes.

O motivo do retraimento sistemático por parte dos elementos socialistas e o seu consequente abandono de campo de acção, pelo menos pelo que respeita ao Norte, é menos verdadeiro.

Mas como a «Voz» diz ser necessário definir situações, o que se nos afigura romper o tal pacto estabelecido no congresso de Tomar, esperaremos que o faça para então verificarmos qual é o verdadeiro motivo, isto é: quem é que não tem procedido em harmonia com o votado no Congresso de Tomar.

Até lá vamos vindo como o partido vai, pouco a pouco, afastando-se da, por ele tão decantada, luta de classes, quando necessitava firmar-se na classe operária e se vai encostando á classe burguesa, não vá faltar a seiva verborreica que tão optimos resultados dá na colaboração de classes, no angariamento de votos e no equilíbrio da sociedade burguesa.

Mas, como é para o partido socialista se robustecer, não faz mal!

FALA UM POETA

Os Deuses ou o Deus são as máscaras do temor, da esperança, do furor, da ternura, do odio e do amor que o homem pretende descobrir na natureza. No dia em que o seu espirito vem a perceber que a natureza não é dotada de paixão alguma, tornam-se inúteis os Deuses ou o Deus.

O homem ocidental procura hoje passar sem eles. Há muito tempo que se não dá tam importante evolução do seu pensamento. A principio, rompeu-se por isso o equilíbrio das consciências, mas pouco a pouco foi a antiga ordem substituída por outra nova e conheço alguns espiritos que já acharam a nova paz. Vivem serenos e alguns deles morreram, sem angustia, simplesmente.

A separação das Igrejas e do Estado em França, os debates sobre o ensino na Inglaterra, as manifestações na Itália e na Espanha contam-se entre os menores dos fenomenos que anunciam que por sua vez a multidão deseja emancipar-se. Dacerto ha de passar por muitas etapas antes de chegar ao ponto onde param tais pensadores. Accções ereações, fluxo, e refluxo, só o resultado im porta.

Para as multidões, a medida da verdade é a necessidade. Se o homem abandona hoje o seu Deus ou os seus Deuses, só por esse facto prova que já lhe não são necessários. Pode viver sem eles. A humanidade repele assim, no decorrer dos tempos, tudo o que a embaraça, depois de a ter servido. E' ingrata e feroz, e no entanto admiravel.

Sorte dos Deuses foi o serem auxiliares dela. Deixaram de o ser. O seu culto é dispendioso: a prece é uma perda de tempo.

Os poetas, todavia, venerarão sempre os Deuses e lamentarão ainda por muito tempo que já não seja possível obedecer-lhes.

(Resposta ao inquerito do Mercure de France, 1908).

Emilio VERHAEREN (grande poeta belga).

Pode succeder que esta nova attitude das classes dirigentes, que se vão tornando cada vez mais retrógradas, — esta aliança da espada e do hospice, — exija da nossa parte o desenvolvimento de maior actividade contra o logro das consciências exercido nas igrejas, contra a superstição religiosa. E será também um bom combate, se servir para atacar o padre no seu próprio terreno, não só e não tanto como politicante, — pois nesse sentido é igual a todos os outros politicantes, — mas ainda e sobretudo como ministro duma religião de mentira e de morte.

Mas esta batalha só será eficaz e só poderá juntar novos militantes á nossa vanguarda de minoria, se tivermos em conta que nem só de pão vive o homem, e que o ideal é sempre o melhor propulsor e o maior factor de vitória. Mais do que com as negações ou afirmações duma sciencia sempre incerta e fallivel, venceremos a religião da mentira e da morte propagada do pulpito, nas trevas do tempo, erguendo o grito de revolta da nossa fé, afirmando á luz do sol a nova fé da vida, a fé na liberdade e na justiça social.

Enrico MALATESTA. De Volontá, Ancona, nov. 913.

DOCUMENTOS

Mocção da Federação Operária Metalúrgica de França em resposta ao manifesto dos socialistas alemães antigueristas

Considerando que o conteúdo deste manifesto exprime também o pensamento fútil dos trabalhadores franceses que se mantiveram fiéis ao ideal internacionalista; que os trabalhadores alemães se dirigem neste manifesto á Internacional afim de obter de todos os países apoio na luta por uma rápida conclusão da guerra e por uma paz que não seja uma paz militarista com conquistas imperialistas, mas uma paz sem anexações sobre a base da independência política e económica de todas as nações, com o desarmamento geral e a arbitragem obrigatória; e que seria um crime permanecerem os nossos trabalhadores surdos ao apelo de outros trabalhadores, que se preparam para se levantar afim de arrancar ao Governo do seu país uma paz sobre estas bases;

a Comissão Executiva dos operários metalúrgicos franceses declara a sua solidariedade com o manifesto dos trabalhadores alemães e incita os operários dos países beligerantes a exercerem simultaneamente uma acção semelhante.

(17 de Abril de 1915).

Mocção do 1.º de Maio em Paris

Os trabalhadores organizados de Paris, reunidos no 1.º de Maio de 1915, na Casa dos Sindicatos, proclamam nesta festa da solidariedade mundial dos trabalhadores a sua inquebrantável fé na Internacional proletária. A presente guerra, que, a despeito dos seus esforços pela paz, lhes foi imposta por uma casta ávida de conquistas e de domínio, não os leva a abandonar nenhuma das suas esperanças de fraternidade humana, nenhum dos seus ideais de revolução social. Por cima dos campos de batalha e das fronteiras do seu país, o seu pensamento vai aos seus irmãos de todos os países beligerantes, que são, como eles, mártires do imperialismo e militarismo europeus, pelo qual a guerra foi provocada. Esta guerra deve ser a última de todas as guerras, e para isso devemos lutar pelos seguintes resultados:

- 1.º A inviolabilidade da autonomia dos povos.
2.º A abolição da diplomacia secreta
3.º Limitação dos armamentos como preparação para o desarmamento.
4.º Aplicação da arbitragem obrigatória a todos os conflitos entre as nações.

No meio do terror presente, dirigem aos seus camaradas mobilizados a expressão dos seus sentimentos fraternos e asseguram-lhes que os que continuam trabalhando se hão-de manter fortemente unidos sobre o terreno sindical e lhes hão-de preservar a sua organização, sustentáculo dos seus interesses de classe.

Enviem ás mães, viúvas e órfãos dos seus camaradas mortos a sua profunda simpatia e comprometem-se a não poupar esforços para obter para elles a indemnização que a nação lhes devo segundo a lei.

Exprimem a esperança de que termine em breve esta guerra, de que pela paz o direito triunfe sobre a força brutal, de modo que os povos reconciliados, confederados para sempre nos Estados Unidos do Mundo, numa Internacional de factos e ideias, possam de novo prosseguir na sua marcha ascendente, certos de um progresso pacífico e humano.

Enviem aos trabalhadores de toda a Terra as suas fraternas saudações e separam-se levando nos ouvidos o eco do clamor — «Viva o Sindicalismo! Viva a Internacional dos Trabalhadores!»

(A censura impediu a publicação desta mocção em França. Traduzimo-la do jornal inglês The Labour Leader, que por sua vez a traduzira dum jornal suíço).

Mocção do 1.º de Maio no Rio de Janeiro

Considerando: Que a conflagração europeia, preparada desde muito pelos governos europeus, é uma consequência lógica e desejada da nefasta politica da «paz armada»;

que a «paz armada», conceito e facto contraditórios de si mesmos, nada mais significa que uma fórmula enganosa e velhaca, por trás da qual se desenvolveu e se consolidou o mais brutal e o mais pesado militarismo de terra e mar;

que o militarismo constituído á custa do suor do povo tem por fim exclusivo manter os privilégios das classes capitalistas e governamentais, e, externamente, garantir e dar força á politica de «expansão económica»;

que a «expansão económica» originada pela ambição dos poderosos e fruto da má organização do trabalho e da infima distribuição das riquezas sociais, do que resulta o monopólio, nas mãos de poucos, de todas as indústrias e de todo o comércio, só proporciona benefícios aos monopolizadores e estabelece uma concorrência fatal entre os diversos países industriais;

que esta concorrência, criando rivalidades de interesses, provoca e prepara os conflitos internacionais, que a diplomacia secreta ou não, alimenta e estende, por meio de alianças e de tratados politicos e militares;

que a diplomacia, arte por excelência da mentira e do embuste, realiza, faz e desfaz tais alianças e tratados arbitrariamente, segundo a vontade e os interesses dos seus amos capitalistas e contra a vontade e os interesses dos povos;

que, enfim, no monopólio das riquezas e dos meios de trabalho, no militarismo e na diplomacia é que estão as causas reais e verdadeiras das guerras modernas e, portanto, da guerra actual;

e, considerando por outro lado: que as relações de toda a espécie de nação para nação são cada vez mais estreitas e mais interdependentes, estabelecendo uma inevitável e crescente comunidade de interesses, de ideais e de sentimentos entre todos os povos civilizados de hoje;

que a guerra actual, prejudicando e abalando os países em luta, prejudica e abala também os países chamados neutrais, em virtude daquela comunidade de interesses; que, assim os povos neutrais tem o direito de, na defesa de seus interesses, reclamar a paz, de exigir que o crime preparado e realizado pelas classes dominantes dos países conflagrados tenha um fim;

e que uma paz durável e definitiva só é possível quando estabelecida e solidificada pela vontade activa e directa do próprio povo de cada país;

considerando tudo isso, a grande massa popular reunida no largo de S. Francisco de Paula, ás 4 horas da tarde de hoje, em comício convocado pela Comissão Popular de Agitação contra a Guerra, representante de grande numero de associações proletárias e libertárias desta cidade, resolve:

- 1.º deixar lavrado o seu solene e público protesto contra o crime premeditado e praticado pela burguesia europeia;
2.º declarar a sua solidariedade ao proletariado de todo o mundo e ao movimento internacional contrário á guerra e favorável á paz que neste momento, começa a agitar os povos dos países neutrais;
3.º concitar as classes trabalhadoras e todos os homens livres do Brasil a manifestarem-se no mesmo sentido, por todos os meios possíveis, agitando assim, a opinião profunda hostilidade e formal condenação á guerra e áos guerreiros, para que, obrigados por uma pressão popular universal, sejam os governos beligerantes levados a terminar, no mais breve espaço de tempo, a imensa, ruinosa e detestável matança que assola as terras de Europa.
Rio de Janeiro, 1.º de maio de 1915.

(No próximo numero, iniciaremos a publicação do notável manifesto «Pela Paz», distribuído no Rio de Janeiro na mesma ocasião).

Social-democracia e internacionalismo

O Bergarbeiterzeitung, órgão da União dos mineiros alemães, inseriu há pouco um artigo do deputado social-democrático Hue, condutor daquela organização operária, sobre a intervenção da Itália na guerra.

O homenzinho que entende que a dita intervenção acaba de provar que se trata duma vasta conspiração contra a existência da Alemanha e garante que os mineiros não perturbarão neste momento a produção e a defesa nacional. Mas o melhor da passagem é isto:

«Mantende-vos firmemente unidos para defesa dos nossos interesses gerais. Os inimigos que nos rodeiam e que nos ameaçam com a opressão devem saber e hão-de saber que a luta que os trabalhadores da Alemanha tem que travar contra a Patronato industrial, afim de obter melhor repartição dos produtos do trabalho, é inteiramente uma questão a decidir em familia.»

E o internacionalismo? E o ensinamento de Marx: «Os proletários nada tem que perder, salvo as suas cadeias. Tem um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, univos!»?

Esperemos, porém, baseados noutras manifestações, que este infame pastor não exprima os sentimentos profundos dos operários mas sim os seus próprios sentimentos de burguês retinto, que não se coloca do ponto de vista operário—do ponto de vista dos interesses proletários—mas do de conservação da sociedade de que é esteio odioso.

Apontamentos.

Já abriu o «palratório nacional». E, por consequência, já principiarão os seus membros (os «pais da pátria») dando largas á oratória das lácunas e á retórica das correspondências verbais, de modo a fazer a felicidade deste povo de «heróis por raça», com a intervenção armada de Portugal na conflagração europeia, porque assim o exigem a honra e o brio nacionais para «que o nosso país faça, perante os outros, uma figura airosa e digna dele», na opinião dos guerristas democratas socialistas portugueses,—e portanto tem que se aguentar e cara alegre.

Compreendem os trabalhadores portugueses? Em nome da honra nacional, toca a marchar para o matadouro; em nome do brio nacional, toca a deixar as mulheres e os filhos na miséria; para maior gloria de Portugal, toca, enfim, a sacrificarmo-nos aos interesses dos fornecedores de calçado, fardamentos, equipamentos, munições e víveres para o exército. Sim, porque vamos combater pelo «progresso», pela «civilização», pela «democracia», e pela «liberdade» dos povos, contra a barbarie da «kultura» germânica, que ousou ultrajar a nossa bandeira na Africa—invadindo os nossos domínios dali, matando e aprisionando os nossos soldados, contra o direito internacional. Tal é o que a imprensa burguesa brada aos quatro ventos, apoiada pela democracia socialista, e apodando de traidores, máus portugueses, todos aqueles que não fazem córo com ela, pois que não querem desafrontar a honra nacional.

A par de isto surgem as manifestações populares, de antemão devidamente preparadas, reclamando essa desafronta nacional, o cumprimento da aliança com a «nossa aliada», enfim, a nossa intervenção ao lado dos aliados. Portanto, dentro em breve, visto estarem de acórdio todos os políticos—republicanos e socialistas, enterviremos na grande guerra que ora se vem dando no velho mundo, não desmentindo as tradições dasseles que foram por «mares nunca de antes navegados»...

E depois, pairará sobre este pequeno país, a fome, a vividez, a orfandade, demonstrações e frutos da guerra; mas teremos corrido com a nossa cota parte, honrada e cavalheirescamente, para o exterminio dos teutões que pretendem avassalar o mundo inteiro. Terão então triunfado as venalidades económicas e politicas da burguesia deste país «á beira mar plantado».

E terão os democratas socialistas portugueses, como os seus correligionários alemães, traídos os principios internacionalistas operários, as ideas socialistas que propagavam, derepula pela guerra de trabalhadores contra trabalhadores, se já os não traíram com as suas declarações publicas e notórias na imprensa e no parlamento!

Que impotência do regime capitalista—estatal para evitar as colisões dos povos! Que falência da democracia social, com os seus anacrónicos meios de acção parlamentar!

Todavia, que, ao menos, os anarquistas, os sindicalistas revolucionários, impossibilitados talvez, dado o ambiente criado pelos republicanos e socialistas, de recorrer á greve geral e á insurreição, afirmem o seu veemente protesto contra a intervenção armada de Portugal na conflagração europeia: Abaixo os traidores á Internacional Operária!

MAGALHÃES JUNIOR

Regeneração humana

A comição administrativa deste Centro de estudos sociais participa aos sócios e ex-sócios de que emprestou o seu mobiliário á escola, A Florescente. Este emprestimo foi feito enquanto não se reorganizar definitivamente o centro, o que espera se fará em breve, setodos os camaradas do Bairro de Alcantara quiserem meter ombros á empresa, que não é difficil. Qualquer correspondencia pode ser enviada a P. Miguel, R. Alvaro 63-2.º Lisboa.